

Radio ME 4.7.62
"A Traição"
"2vo Aniversário"

Rubem Braga

LEMBRANÇA DO COMPADRE

TIRANTE a baianinha Solange, filha de Hector Bernabó, dito o Carybé, que eu ainda não batizei porque no mesmo dia e igreja o Newton Freitas tem de batizar o Ramiro e jamais tivemos tento para organizar essa festa que há de dar trabalho a tôdas as doceiras de Salvador — tirante a Solange só tenho um afilhado, que se chama João.

Foi o caso que Joaquim Capixaba, antigo pescador, tinha combinado com meu pai que êste seria o padrinho de seu próximo filho — isso foi na praia de Marataíses, Estado do Espírito Santo. “No verão que vem, coronel.” Mas o coronel Chico Braga morreu antes do tempo, e não teve mais nenhum verão de praia, que tanto o regalava. A família ficou pobre, a viúva teve de vender a casa da praia e mais uns terreninhos; a primeira vez que voltei lá, estava jogando um sete-e-meio na casa do professor Jorge Kafuri e quando ia saindo veio falar comigo o Capixaba, que tinha sabido de minha chegada e estava há uma porção de tempo me esperando lá fora, acanhado. Era para eu ser padrinho da criança, no lugar do falecido. Pois não, Joaquim, muito obrigado.

— Então nesse domingo, compadre?

Depois ficamos conversando, eu vendo que o Joaquim estava querendo me dizer mais alguma coisa, porém sem jeito. Afinal desembuchou: e o nome da criança? Perguntei se era menino ou menina. Era menino. João. “João mesmo, compadre?” Aí eu disse uma dessas bobagens que a gente aprende quando é criança e não tem jeito de esquecer: “que fôr mulher chamaria Maria, que fôr homem chamarão João”. E acabou a conversa.

No outro dia minha irmã me contou que o Joaquim tinha conversado com ela uma conversa muito embrulhada, no fim era para dar a entender que estava meio sem graça com o nome que tinha escolhido para o menino, sendo eu um rapaz tão preparado, com tantos estudos, podia escolher um nome bonito, ia botar nome de João. Se minha irmã não podia falar comigo com muito jeito... Eu, como era rapazinho, até que estava agradado de ser padrinho de alguém,

mas ao mesmo tempo era uma estopada ter de botar sapato e ir à Vila (naquele tempo não havia igreja na praia) logo numa manhã de domingo, quando o banho tem mais movimento com o pessoal que chega de Cachoeiro no sábado. Assim, quando encontrei o Joaquim, fiz um ar meio amuado, disse a êle com tôda delicadeza que tinha ficado muito contente dêle me convidar para compadre, mas como sabia que êle não estava satisfeito com o nome que eu tinha escolhido para o menino, se êle quisesse até era melhor, para êle, escolher uma pessoa melhor para padrinho, pois eu já vivia fora do Estado, era capaz de nunca mais vir a Marataíses, assim que para o menino era também melhor ter um padrinho que morasse mesmo no Cachoeiro, ou então alguém duma dessas famílias de Muqui, de Alegre, que vêm todo ano; que êle não se acanhasse de convidar outro, pois eu não ficaria zangado.

— O senhor nem me diga isso, compadre!

O Joaquim ficou tão envergonhado e tão triste que nem sabia o que dizer, e, para encurtar conversa, domingo lá estava na igreja da Vila do Itapemirim de vela na mão, com a porcária do menino chorando que era um desespêro.

Filho de pobre é feito criação de peru, perde-se muito. Anos depois eu soube que tinha dado uma peste na casa do compadre Joaquim Capixaba e êle perdera vários filhos, inclusive o maiorzinho que já ajudava; mas meu afilhado João, êsse se salvara. E o Joaquim dizia a diversas pessoas:

— Devoção forte é essa do compadre Rubes em São João! E o Santo reconhece!

As notícias da praia que me chegam aqui no Marrocos são a morte do Claro — o bom *Quilário*, cachaceiro firme — e do meu compadre Joaquim Capixaba, que ainda em outubro, antes de viajar, eu fiz questão de ver na praia e parecia tão forte apesar de se queixar daquela ronqueira no peito, mas isso era uma conversa que êle tinha há bem uns 30 anos. Morreu. Têm morrido ultimamente muitas pessoas da minha maior estima, e isso faz a gente ficar meio sem graça, desconfiado, com cara de sobrevivente.